MUITO ALÉM DA ENCOSTA: COMO A MENTE HUMANA CONSTRÓI E SENTE O RISCO DE DESLIZAMENTOS.

Ísis Vaz de Sant Anna Neves, Caroline Juliette Barbosa Fernandes, Luana Vitória Carvalho de Souza, Luana Carmelina Rodrigues Monteiro e Marcos Barreto de Mendonça.

Palavras-Chave – Percepção de Risco, Deslizamentos de Terra, Heurística do Afeto.

INTRODUÇÃO

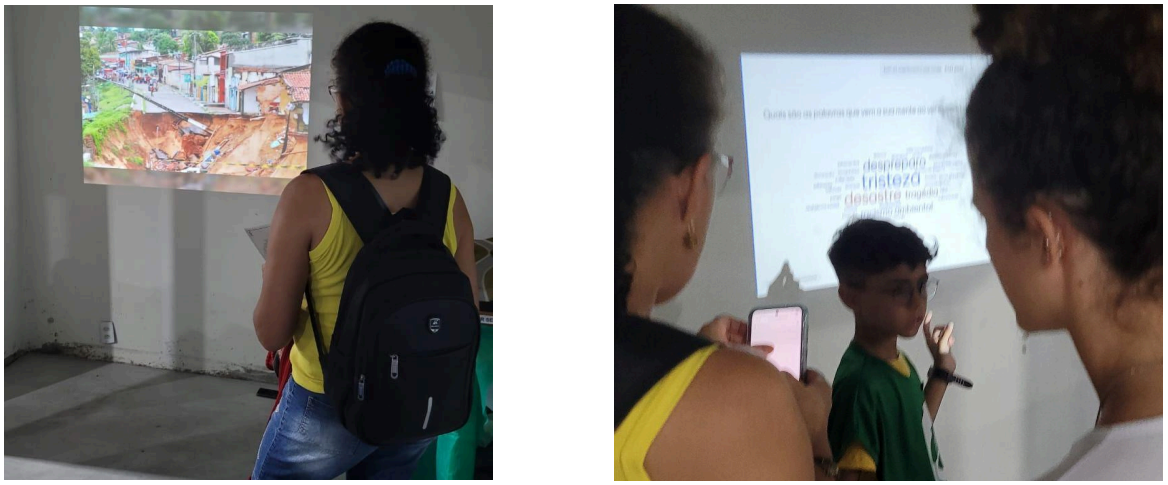
Historicamente, o estado do Rio de Janeiro apresenta uma elevada incidência de deslizamentos de terra, consolidando-se como uma das áreas mais críticas do país. A magnitude do problema é evidenciada pelo fato de cerca de 53,9% dos municípios fluminenses possuírem áreas suscetíveis a deslizamentos, segundo o IBGE (2019). Ainda de acordo com a instituição, aproximadamente 600 mil famílias residem em zonas de risco no estado.

Entretanto, para além da análise de dados estatísticos e argumentos objetivos (perigo x vulnerabilidade x exposição), é fundamental compreender a dimensão subjetiva de como os indivíduos interpretam esses riscos. Segundo Slovic (2010), o risco não é um fato isolado na natureza, mas sim uma construção mental "fabricada" pelas mentes humanas e pela sociedade. A percepção de risco é, portanto, um processo multidimensional moldado por crenças, sentimentos e experiências pessoais, que influenciam o comportamento individual diante de determinado cenário

Um conceito central para este estudo é a divisão do processamento cognitivo em dois sistemas, conforme Kahneman (2011): o Sistema 1, que é rápido, instintivo e emocional; e o Sistema 2, lento, racional e analítico. Ao utilizar metodologias que captam reações imediatas a estímulos visuais, busca-se acessar o Sistema 1 e a heurística do afeto, conceito que — segundo Rembischevski *et al.* (2020) — explica que as emoções funcionam como um atalho mental para o julgamento do risco. O trabalho teve como objetivo explorar tais emoções a partir do público de uma oficina socioeducativa quando estas foram expostas a imagens relacionadas ao tema. Supõe-se que os conteúdos das imagens sejam julgados com base em emoções e sentimentos do participante e não em uma análise puramente racional.

METODOLOGIA

A técnica foi aplicada em uma oficina realizada pelo projeto de extensão universitária Encosta Viva (www.encostaviva.poli.ufrj.br) em março de 2026, durante o evento “Sábado da Ciência: o cérebro e uma mente sustentável”, no museu Espaço Ciência Viva (ECV). A dinâmica consistiu na projeção, em uma parede, de 12 imagens relacionadas a deslizamentos de terra (incluindo sirenes, abrigos emergenciais, danos físicos e agentes da Defesa Civil), com duração de, aproximadamente, quatro segundos cada - Figura 1.



(a) (b)

Figura 1 - Oficina. (a) Etapa de visualização das imagens. (b) Etapa de citação das palavras e visualização da nuvem de palavras. Fonte: Os autores

Após a observação das imagens, o público — adultos, adolescentes e crianças — foi solicitado a informar as três primeiras palavras que as imagens suscitavam. A menção das palavras era feita de forma anônima através de um QR Code que direcionava à plataforma virtual Mentimeter. À medida que as respostas eram dadas, a plataforma construía, em tempo real, uma nuvem de palavras projetada em uma segunda tela, representando a percepção coletiva do público, e sem considerar a ordem individual em que as palavras foram escritas.

RESULTADOS

Participaram da atividade 22 pessoas, tendo 18 respostas do público computadas após filtragem de falhas técnicas, apresentando um total de 54 palavras. Os resultados evidenciaram o predomínio de termos ligados ao campo emocional e à gravidade do evento. As palavras mais citadas foram: “Tristeza” (9 menções), “Desastre” (5), “Despreparo” (3), “Racismo Ambiental” (2), “Tragédia” (3), “Desamparo”(2) e “Homem” (2) - Figura 2.

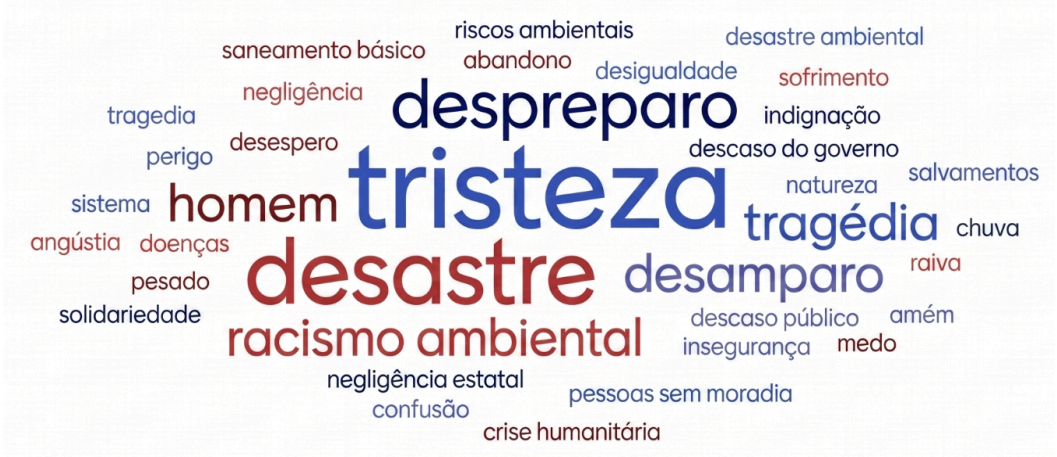


Figura 2. Resultado final da nuvem de palavras citadas pelo público. Fonte: Os autores.

Observou-se uma distinção clara no processamento cognitivo entre a primeira e a terceira palavra, em ordem de quantidade de citações. O predomínio de termos como tristeza indica forte presença de associações afetivas, enquanto palavras como “despreparo”, “negligência” e “abandono” apontam também para avaliações relacionadas à gestão do risco.

Apesar de terem sido citadas somente uma vez, vale notar o uso da palavra “Amém”, pode estar relacionada com a influência da religiosidade na percepção de risco de desastres na sociedade (Vargas, 2009) e “solidariedade”, provavelmente se referindo à ideia de mutirão e à força e ao protagonismo do povo em determinadas ações de gestão de riscos (Reginensi et al., 2022) em contraponto a determinadas deficiências do Estado, conforme já mencionado.

Tabela 1 – Palavras respondidas por quantidade de citações.

Palavra	Quantidade de citações
Tristeza	9
Desastre	5
Despreparo	3
Tragédia	3
Desamparo	2
Homem	2
Racismo Ambiental	2
Abandono	1
Angústia	1
Chuva	1
Doenças	1
Indignação	1
Insegurança	1
Medo	1
Natureza	1
Negligência	1
Negligência Estatal	1
Chuva	1
Amém	1
Confusão	1
Crise Humanitária	1
Crise	1
Perigo	1
Pesado	1
Pessoas Sem Moradia	1
Raiva	1
Riscos Ambientais	1
Confusão	1
Desastre Ambiental	1
Descaso do Governo	1
Descaso Público	1
Desespero	1
Desigualdade	1
Salvamentos	1
Saneamento Básico	1
Sistema	1
Sofrimento	1
Solidariedade	1

CONCLUSÕES

A oficina mostrou-se viável enquanto ferramenta para contribuir para o conhecimento da percepção de risco do público quanto aos desastres associados a deslizamentos, ao mesmo tempo que a divulgação imediata dos resultados tem o potencial de suscitar novas reflexões. Os resultados sugerem a presença relevante de associações afetivas na percepção do risco de deslizamentos. Ressalta-se que a reação de uma comunidade não depende apenas de variáveis mensuráveis objetivas, mas também de valores e visões do indivíduo diante da temática que o fazem perceber o risco.

Deve-se citar algumas limitações, como a pequena quantidade de pessoas participantes, a especificidade do público, visitantes de um museu de ciências, e a dependência de disponibilidade de conexão com a internet para o uso da plataforma Mentimeter.

REFERÊNCIAS

IBGE. Cidades e Estados: Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

REMBISCHEVSKI, P.; CALDAS, E. D. Teorias e abordagens da percepção de risco: o contexto da saúde humana. Vigilância Sanitária em Debate, v. 21, n. 1, p. 47-61, 2020.

KAHNEMAN, D. Rápido e devagar: duas formas de pensar. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

REGINENSI, Caterine; DE MENDONCA, Marcos Barreto; DA-SILVA-ROSA, Teresa. Roda de conversa sobre riscos de desastres associados a deslizamentos na Rocinha (Rio de Janeiro, Brasil): experiências de luta, resistência, saberes e arte. Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 60, p. 79682, 2022.

SLOVIC, Paul. The psychology of risk. Saúde e Sociedade, v. 19, n. 4, p. 731-747, 2010.

VARGAS, D. "Eu fui embora de lá, mas não fui" - a construção social da moradia de risco.. In: Valencio, Norma; Siena, Mariana; Marchezine, Victor; Costa, Juliano;. (Org.). SOCIOLOGIA DOS DESASTRES - Construção, interfaces e perspectivas no Brasil. 1ªed.São Carlos - São Paulo: RiMa, 2009, v. 1, p. 03-268.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Universidade Federal do Rio de Janeiro, ao Espaço Ciência Viva, à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).